



Fundação Educacional do Município de Assis
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis
Campus "José Santilli Sobrinho"

ALAN PEREIRA ALVES

**MÍDIA E PODER: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ERA DO
DISCURSO DA IGUALDADE SOCIAL**

Assis/SP

2013

ALAN PEREIRA ALVES

**MÍDIA E PODER: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA ERA DO
DISCURSO DA IGUALDADE SOCIAL**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis - IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, como requisito parcial à obtenção do Certificado de Conclusão.

Orientando: Alan Pereira Alves

Orientador: Prof. Ms. Sidney de Paulo

Assis/SP

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

PEREIRA, Alan A.

MÍDIA E PODER: O preconceito linguístico na era do discurso da Igualdade Social / ALAN PEREIRA ALVES.

Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA - Assis, 2013.

59p.

Orientador: Sidney de Paulo.

Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA.

1. Mídia. 2. Preconceito Linguístico. 3. Norma Padrão.

Dedicatória

Aos meus familiares que sempre acreditaram mesmo quando eu não acreditei.

Aos meus irmãos Ricardo e Patrícia pelo apoio com o qual sempre me motivaram.

À minha mãe Marinalva, responsável maior por esta conquista.

À minha esposa Giovanna e ao meu filho João Paulo que, superando a ausência, se fizeram presentes em todos os momentos da realização deste trabalho.

Agradecimentos

A Deus, força maior existente em cada ser humano que busca no conhecimento a chave pra liberdade, e não pra opressão.

Agradeço a todos os mestres que nestes quatro anos se dedicaram a me ensinar. Este trabalho é fruto de vossos ensinamentos.

À Profª Drª Márcia Valéria Seródio Carbono, pelas orientações nos dois Projetos de Iniciação Científica, sendo que um destes se tornou neste Trabalho de Conclusão de Curso.

À Profª Drª Eliane A. Galvão Ribeiro Ferreira, por ser o ombro amigo, por seus ensinamentos e conselhos, dos quais este trabalho é fruto.

A todos os amigos com quem nestes quatro anos de curso, pude discutir ideias, compartilhar experiências e adquirir muitos aprendizados.

Ao meu mestre e orientador Prof. Ms. Sidney de Paulo, pela orientação, paciência e dedicação com as quais me conduziu na realização deste trabalho.

Aos meus familiares pelo apoio mútuo e disponibilidade em sonhar este sonho comigo.

“Sonho que se sonha só
É só um sonho que sonha só
Mas sonho que se sonha junto é
realidade”.

Raul Seixas

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade

RESUMO

O preconceito linguístico está cada vez mais arraigado em nossa sociedade. Podemos identificá-lo, por meio de uma análise mais detalhada, nos programas de televisão e de rádio, além de matérias humorísticas veiculadas em jornais e revistas, entre outros meios de comunicação, bem como na própria prática pedagógica do ensino da língua materna. Este último caso pode ser verificado muito claramente até em manuais didáticos de ensino da língua. Alguns dos programas humorísticos existentes atualmente nos canais das televisões brasileiras – sobretudo os destinados à chamada TV aberta – têm por finalidade, é claro, o entretenimento. Contudo, estes mesmos veículos valem-se da discriminação linguística como recurso para entreter o seu público, ávido – diga-se de passagem – por atrações desse nível. E como as televisões abertas parecem ter como único critério de base para o êxito (ou não) de seus programas, a audiência, não resta muita opção de divertimento à população que não tem condições financeiras (e sequer referencial cultural) para escolher o que quer ou não assistir, por meio de um critério mais intelectual. Naturalmente que tal população, desprovida muitas vezes desse senso crítico e cultural, é, de fato, vítima de todo um sistema de massificação para fins de manobras midiáticas e políticas... Em programas como *Zorra Total*, *A Praça é Nossa*, *Toma Lá Da Cá*, e em episódios de companhias de teatro como *Os Melhores do Mundo* e *Terça Insana*, há a presença de personagens, que provocam o riso ao se apresentarem como falantes da norma não-padrão, a qual, curiosa e paradoxalmente, se constitui no modo de comunicação da maioria dos falantes da língua portuguesa do Brasil. Vale lembrar também que tais personagens pertencem à camada social menos favorecida. Não bastasse a caricatura do “brasileiro ignorante”, tal personagem é, ainda, muitas vezes rotulado como o pobre, o negro, o

homossexual, a loira burra, reforçando a ideia de que ser pobre, negro, homossexual e mulher loira é um defeito.

Palavras-chave: mídia; preconceito linguístico; norma padrão.

ABSTRACT

The linguistic preconception is increasingly ingrained in our society. We can identify it through a more detailed analysis, in television and radio, as well as humorous materials disseminated in newspapers and magazines, among other media, as well as in their own pedagogical practice of teaching maternal language. This last case can be seen very clearly even in textbooks for language teaching. Some of the comedy programs currently existing channels of Brazilian television - especially the call for broadcast TV - are intended, of course, entertainment. However, these same vehicles avail themselves of linguistic discrimination as a resource to entertain your audience, eager - by the way - for attractions that level. And as flat open seem like only a basic criterion for the success (or not) of their programs, the audience, there remaineth no much fun option for people who cannot afford (and even cultural reference) to choose what they want or not watch through a criterion intellectual. Naturally, such a population, often devoid of that sense and cultural critic, is in fact the victim of an entire system for purposes of massification mediatic and political maneuvers ... In programs like Zorra Total, A praça é nossa, give and take, and episodes of theater companies as Os Melhores do mundo, Terça Insana, there is the presence of characters that bring laughter to themselves as speakers of non-standard standard, which, curiously and paradoxically, it is the mode of communication of most Portuguese speakers in Brazil. It is worth remembering as well that these characters belong to the lowest social stratum. Not enough the caricature of the "Brazilian ignorant", this character is also often labeled as the poor, the black, Homosexual, dumb blonde, reinforcing the idea that being poor, black, and gay blonde woman is a defect.

Key-words: Midia, linguistic preconception, standard pattern.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 “Viver e aprender – por uma vida melhor”.....	31
Figura 2 “Dona Edith”	35
Figura 3 “Jeca Gay”.....	39

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1. GRAMÁTICA, FALA, LÍNGUA E O INDIVÍDUO	14
1.1 É a gramática mais do que a fala? É a língua mais do que o indivíduo?	14
2. A LÍNGUA A GRAMÁTICA E A MÍDIA	19
2.1 A língua como arma de dominação	19
2.2 A bíblia gramatical e o apocalipse da língua brasileira	22
2.3 A mídia na sociedade contemporânea.....	27
3. VIVER, APRENDER – POR UMA VIDA MELHOR	31
3.1 O caso viver, Aprender – por uma vida melhor	31
4. TRANSCRIÇÕES E ANÁLISES DE ALGUNS PERSONAGENS DA CENA HUMORÍSTICA BRASILEIRA	35
4.1 Dona Edith, do humorístico Terça Insana.....	35
4.2 Jeca Gay, do humorístico A Praça é Nossa	39
5. SIMILARIDADE NOS DISCURSOS? OU SÃO SEMPRE OS MESMOS DISCURSOS DE SEMPRE?.....	47
5.1 Rotacismo	47
5.2 Plural redundante	50

6. MENOS PLURAL. MAIS ARTE?.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe o estudo sobre o modo como as variações linguísticas são exploradas pela mídia nacional em face do humor.

Para o estudo do caso, foram analisadas algumas ocorrências desta exploração em programas humorísticos como A Praça é Nossa e a peça teatral Os melhores do Mundo.

Pretendeu-se discutir segundo teóricos da linguística, os modelos figurativos estabelecidos aos usuários das variantes do português não padrão subjugados ao fundamentalismo da padronização gramatical para o uso da língua.

No primeiro capítulo, buscou analisar a relação: Gramática – Língua – Fala – Indivíduo, compreendendo suas ligações à tradição e às convenções sociais pela comunidade de fala do português brasileiro.

Já no segundo capítulo, propôs-se a análise do ensino doutrinário da gramática normativa como único molde à língua brasileira. Buscou ainda compreender como os gramáticos doutrinários tem se valido da mídia na propagação de seus ensinamentos.

No quarto capítulo, mediante transcrição da fala de alguns personagens, foram analisados as rotulações e os estereótipos com que são representados aos falantes da norma não culta da língua portuguesa brasileira.

1. GRAMÁTICA, FALA, LÍNGUA E O INDIVÍDUO

1.1 É a gramática mais do que a fala? É a língua mais do que o indivíduo?

Em uma sociedade que privilegia algumas normas de fala e exclui outras, que eleva regras gramaticais acima dos falantes que não as dominam, parecem estas indagações terem ambas uma mesma resposta. Sim.

Infelizmente, na sociedade brasileira, não é raro nos depararmos com situações em que um falante é acusado de não saber falar. Situações nas quais este falante é repreendido e acusado de ser um mal falante da própria língua materna, por não dominar regras gramaticais. Ocorre mesmo de o próprio falante assumir estas acusações e praticá-las em relação a outros falantes, como se fossem verdades.

No entanto, estes mesmos, aos quais pesam o jugo de tal condenação, constituem os falantes da norma não-padrão da fala da sociedade brasileira, subjugados a um ensino precário e insuficiente para proporcionar-lhes o domínio de tais regras. Esses falantes compõem uma classe social menos favorecida e desprestigiada, que, por sinal, ironicamente, é a maior parcela da comunidade de falantes desta sociedade.

Assim, pertencendo estes falantes a uma classe social desprestigiada, seu código linguístico também não é visto com prestígio. Por outro lado, o fato de que uma minoria dos falantes do português no Brasil domina a norma culta é uma questão social. Bagno (2006, p. 27) observa que:

O português não-padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo, [...]. É também, conseqüentemente, a

língua das crianças pobres e carentes que frequentam as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil, o PNP¹ é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado “feio”, “deficiente”, “pobre”, “errado”, “rude”, “tosco”, “estropiado.

Desse modo, notamos que o preconceito lingüístico é, antes de tudo, um preconceito social. É uma ação contra aqueles que, por não possuírem *status* e poder na sociedade em que estão inseridos, tendem a serem excluídos e discriminados. Bagno (2004, p. 16) esclarece que:

[...] São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro- que são a maioria de nossa população- e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Vemos, nas próprias escolas, o local da socialização da aprendizagem e da formação, o preconceito lingüístico ser alimentado. Alunos que são reprimidos por outros alunos e pelos próprios professores por estarem falando “errado”, porque estes fazem uso de uma variedade que não utiliza as formas gramaticais padronizadas. Isto reitera a fragilidade no ensino das escolas brasileiras. A esse respeito, Marta (2008, p. 133) opina que, [...] as escolas, muitas vezes, eliminam, pela punição com nota baixa, pela reprovação e pela eventual ou conseqüente evasão escolar, os alunos que não dominam formas de prestígio [...].

Marta (2008, p. 138) salienta ainda:

¹ PNP: português não-padrão

Em matéria de gramática, o que se ensina na escola é a gramática normativa da língua de uma comunidade e não *a língua desta comunidade*. Então, quando um falante nativo de uma língua explicita o sentimento secular inculcado de que *não sabe falar sua própria língua*, ele está de fato confundindo *sua língua* com gramática normativa de parte de sua língua.

Por extensão, podemos notar que o preconceito linguístico é sustentado pelo preconceito social. E mais do que isso: se vale ainda de outras rotulações na mídia brasileira.

O preconceito social fica caracterizado ao vermos que os falantes das variedades do português não-padrão são, de fato, os falantes das classes sociais menos favorecidas. Estes mesmos que são acusados de assassinar a gramática são, antes, vítimas de uma sociedade injusta e desigual; uma sociedade capitalista ao extremo, onde poucos detêm o poder, enquanto a maioria é submetida à exploração dos ditos “poderosos”, os quais são também detentores das regras gramaticais as quais querem impor sob pena de exclusão do grande restante da sociedade. Trata-se de vitimados por um sistema social habituado a ser regido pela imposição.

Naturalmente, que o preconceito social deve ser combatido, arrancado do seio de uma sociedade que diz almejar justiça social para todos, expressamente declarado em sua Constituição Federal, inclusive. No entanto, vemos o contrário. Carregamos ainda as farpas de uma dominação violenta que se impõe, sob medida de força, àqueles a quem essa mesma sociedade julga inferiores. Farpas estas estigmatizadas na sociedade brasileira que, após vários anos de independência, é, ainda hoje, reflexo da dominação sofrida por Portugal. É isso que faz com que muitos gramáticos assumam que o verdadeiro português é o falado somente nas terras lusitanas, sendo nós, brasileiros, assassinos deste português. Assume-se que brasileiro não sabe falar o português.

Bagno (2004, p. 20) é contrário ao mito de que “*Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala bem o português*”. O autor ressalta:

Essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns, e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, e sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais “civilizado”.

E é baseada no português de Portugal, na gramática pela qual querem reger a sociedade de fala brasileira.

Também Bagno (2004, p. 26) observa que:

“no que diz respeito no ensino do português no BRASIL, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais cento e setenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal”.

Sendo toda forma de preconceito uma forma de exclusão, o preconceito contra a homossexualidade tende a excluir o próprio homossexual, desta forma, o preconceito a uma determinada cultura, caracteriza-se na tentativa de exclusão dos indivíduos que a representam. O preconceito social não exclui a pobreza e sim o pobre, o preconceito linguístico também tende a excluir não só a fala, mas seus falantes, lançando-o às margens de uma cultura de prestígio.

Marta (2008, p. 42) considera que:

[...] O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras , formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de uma *língua bem falada* e, portanto, consideradas indignas de serem usadas por *homens de bem*. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do

termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas, sim, as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente produzidas em maior número pelas pessoas de classe social sem prestígio.

Dessa forma, o preconceito linguístico vai criando marginalizados em nome das boas regras gramaticais. Marta (2008, p. 43) observa ainda que:

Em nome da *boa língua* pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade – da qual a escola é reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo lingüístico estrutural, entre domínio de determinadas formas linguísticas e beleza ou feiúra; entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância ou deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência e incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência ou burrice [...]

Não se pode alcançar a tão almejada justiça social, sem que haja por parte da própria sociedade uma evolução, e rompimentos com alguns dogmas que têm como função inferiorizar uma parte da sociedade a fim de privilegiar outra. É preciso uma mudança cultural. É preciso valorizar cada indivíduo independente de sua classe social, raça e cor, religião, opção sexual, bem como independentemente do seu código linguístico. Justiça social não é somente dar pão aos que têm fome, emprego e moradia, saúde e educação. Todas estas necessidades são básicas e de direito de cada cidadão, constituído por lei. É exercício de justiça social, no entanto e também, o respeito às diversas variações linguísticas que compõem o português brasileiro, bem como a seus falantes.

Porém, o que vemos, são desrespeitos e discriminações aos falantes das ditas variedades do português brasileiro não regidas pela gramática normativa. Deste

modo, cria-se em nossa sociedade, os sem-língua. Bagno (2004, p. 16-17) salienta que:

[...] assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. [...] são os *sem-língua*. É claro que eles também falam o português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida com válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal.

A língua que teria por finalidade a comunicação entre os seres humanos, quando tirada de sua essência, passa a ser utilizada como forma de criar barreiras entre estes. Através da língua, determinados grupos de fala são excluídos na própria sociedade em que vivem, justamente por diferenças no seu modo de falar. Infelizmente, este mesmo mecanismo de comunicação, é também utilizado como arma de exclusão e de dominação entre os homens.

2. A LÍNGUA, A GRAMÁTICA E A MÍDIA

2.1 A língua como arma de dominação

As linguagens humanas são um complexo e maravilhoso modo de estabelecermos comunicação. É por meio da linguagem que determinado povo consegue se comunicar entre si que sua cultura é estabelecida. Através desta mesma linguagem entre as pessoas que se formam as relações humanas.

Marta (2008, p. 10) considera:

As línguas humanas são, sem dúvida, excelentes instrumentos de comunicação, embora mal-entendidos entre os seres humanos sejam comum, mesmo quando há domínio de uma mesma língua, de uma mesma variedade. As línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

No entanto, a língua pode ser utilizada de forma perversa e destrutiva, tornando-se arma de dominação nas mãos dos “poderosos”. Marta (2008, p. 10) observa ainda:

[...] As línguas humanas podem, sim, ser excelentes instrumentos de comunicação, mas podem ser também perversos instrumentos de poder e de dominação, especialmente quando se naturalizam relações espúrias entre determinadas construções linguísticas e as pessoas que a falam.

Num processo de dominação, são impostas ao dominado tanto a cultura, quanto os costumes do dominante. É imposta também sua linguagem. Meio pelo qual, sua cultura e costumes são infusos àqueles a que domina. Como prova disso, tomemos, por exemplo, o próprio passado do povo brasileiro.

Antes à dominação sofrida por Portugal, esta terra, hoje, Terra de Santa Cruz, onde a Cruz foi fixada sob pena de violência e mortes, viviam os Tupis Guaranis. Com sua língua, cultura e seus costumes próprios. No entanto, sob pena da dominação sofrida pelos “Desbravadores das Américas”, os Tupis tiveram sua linguagem arrancada, assim como costumes e culturas particulares.

Santos (1996, p. 45) salienta:

[...] cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada

cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Tirar a linguagem de um povo é tirar sua essência. É apartá-lo de sua identidade. E assim, hoje, nestas terras já antes habitadas e que não descobertas, mas arrancadas, os costumes dos seus verdadeiros representantes estão quase que extintos, bem como sua cultura e sua linguagem.

Nos dias atuais, infelizmente, vemos este processo de dominação, seguir a mesma ordem. Uma cultura elitizada, julgando-se superior, se impõe àqueles tidos como inferiores. E o método utilizado para tal imposição permanece o mesmo. Pela imposição da linguagem. A elite impõe sua linguagem, discriminando e marginalizando toda e qualquer forma de linguagem que fuja a sua regra gramatical.

Foi por meio da linguagem que os portugueses instauraram seus dogmas no seio da sociedade já dominada que destes herdaram os preconceitos às linguagens não regidas por sua gramática normativa.

Marta (2008, p. 89) observa também que “na história da humanidade, a sede de poder, de dominação, de colonização e subjugação tem sido sempre levada às últimas conseqüências, por todos os meios disponíveis: armas, idéias, tecnologias... e gramáticas normativas.”

A imposição da linguagem como forma de imposição social pode ser também percebida no âmbito internacional neste processo capitalista de relações comerciais entre países. Onde uma potência econômica se sobrepõe às demais. Neste caso, os EUA, com sua dominação mundial. Onde se constata uma hegemonia linguística comercial da língua inglesa.

Embora tenhamos nossa língua portuguesa como uma ramificação do português de Portugal, notamos em nossa língua, influências da língua inglesa. Como por exemplo, nas palavras "Catchup", "Shampoo", entre outras muito utilizadas por nós brasileiros que, embora tendo sua expressão equivalente na língua portuguesa, fazemos uso da forma inglesa. Impondo sua língua, os EUA impõem também sua cultura, assim como muitos de seus costumes, bem como ideologias são também impostos a outros países.

2.2 A bíblia gramatical e o apocalipse da língua brasileira

O ensino da gramática normativa, notoriamente sempre foi o objetivo principal das escolas no que tange ao ensino da língua. É dever público oferecer ensino de qualidade a todos a fim de que se conheça profundamente a sua própria língua e domine o seu uso. Mas, infelizmente, há um abismo entre a qualidade ideal do ensino e a qualidade do ensino oferecido aos alunos nas escolas públicas brasileiras.

Recentemente, uma reportagem do site Uol Comunicação, datada em 30/07/13, com o título : *"Baixa qualidade do ensino e má formação de docentes atrapalham a educação"*, trazia uma entrevista com Simon Schwartzman, pesquisador do LETS (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade), do Rio de Janeiro, onde este afirma:

Uma população muito grande chega ao ensino médio com formação precária. Não se pode ter um modelo de formação única. Você tem o jovem se preparando para a universidade, mas também tem o adulto de olho no mercado de trabalho.

Segundo a mesma reportagem, Simon afirma ainda:

Temos problemas graves que não melhoram muito. Mesmo o ensino convencional é de má qualidade. É um desencontro entre o que é pedido e as necessidades das pessoas que entram nesse curso.

Não bastando a ineficiência do conteúdo lecionado aos alunos, o modelo de ensino tradicional é um modelo engessado, baseando-se exclusivamente no ensino da língua, segundo a gramática normativa. O problema é que esse modelo de ensino, não faz a distinção inevitável entre língua falada e língua escrita.

Ainda que engessada, moldada e sem permissões para dissonância ao discurso imperativo de que a língua deve ser sempre regida, segundo os manuais gramaticais, escrever sob a ótica gramatical em alguns gêneros, como afirma Faraco (2008 p.29), é o esperado socialmente. Isto em determinados gêneros com seus determinados valores. Valores estes que não podem ser aplicados à língua falada. Ora, uma língua que não é falada, é fatalmente condicionada ao desaparecimento, à morte.

O que torna uma língua viva é a utilização da mesma por uma comunidade de fala. É antinatural querer engessar a fala pelos moldes da gramática normativa, isto porque a fala é sem dúvida, a essência de uma língua. Sem fala a língua é morta, ainda que esta exista em manuais. Poderia por ventura engessar o ser humano a fim de que todos tenham os mesmos comportamentos, vistam-se igualmente uns aos outros e compartilhem das mesmas ações?

É claro que não. Isto porque o ser humano é um ser em constante formação e evolução, social e cultural. Assim, seu instrumento de comunicação, e de relacionamento, que é justamente o que o insere num determinado grupo social, segue natural e livremente muitas mudanças. A capacidade de mudança e adaptação configura uma das maiores riquezas do homem.

Do mesmo modo como este pode possuir a capacidade de adaptar-se a uma determinada situação ou lugar, ou ainda a um grupo diferente do seu habitual, sua forma de comunicação também é passiva a adaptações. Por isso, nenhuma língua deve ser excluída, desprestigiada, inferiorizada. Elas trazem no seu íntimo, a identidade daquele que a fala.

Deste modo, não se pode exigir que um grupo o qual vive situações completamente diferentes das vivenciadas por outro grupo, por exemplo, tenha as mesmas ações ou comportamentos, nem tão pouco que faça o uso da língua do mesmo modo. A língua é heterogênea, e a diversidade de falantes é que a configura como língua de sua sociedade. A homogeneidade da língua não se aplica nem mesmo aos manuais que têm por objetivo o ensino do uso “correto” da língua, como pode ser verificado no Manual de Redação e Estilo do Jornal *O Estado de São Paulo*, de autoria de Eduardo Martins. Onde ao referir a forma correta da utilização da expressão “Nada a ver”, assim ensina o autor: “**Nada a ver**. E nunca ‘nada haver’. A melhor forma, porém, é **nada que ver**: *A queixa não tem nada a ver (ou que ver) com você*”.

Sabe-se que a palavra “você” é, no entanto, uma variação da palavra “vossa mercê”. Variação essa que se tornou numa forma padrão de tratamento, constando inclusive num manual de redação daquele que é um dos maiores meios de comunicação no Brasil, o jornal *O Estado de São Paulo*.

Quanto a essa variação, Clézio, em seu artigo: “De vossa mercê a cê: caminhos, percursos e trilhas”, citando Said Ali (1950), escreve:

Em suas investigações filológicas sobre o pronome vossa

mercê, Said Ali (1950) conclui que a forma pronominal você é o resultado atual de uma evolução de raízes latinas, iniciadas com a introdução dos pronomes tu/vós no português, usados como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Devido à necessidade de se diferenciar na hierarquia as

formas de tratamento, usava-se o tu na intimidade e, ao seu lado, a forma vós para tratamento cerimonioso indireto. Outro modo de tratamento indireto que era usado para dirigir a um atributo ou qualidade eminente da pessoa e não a ela própria era a forma vossa mercê (entre outras) que, ao longo do tempo, tornou-se popular, sofreu transformações fonológicas e foi se simplificando, dando origem a várias formas: vossemecê, vossancê e você.

Querer excluir a diversidade de falas de uma mesma língua, como por exemplo, excluir as variáveis na utilização da língua portuguesa falada por nós brasileiros, é justamente negar a sua própria formação. O português brasileiro é uma variação do português de Portugal que, por sua vez, é o resultado de variações do latim vulgar, com misturas diversas.

Veja, o português é uma variação. Isso porque a língua dos colonizadores que já não era pura tivera antes várias influências para se tornar o que é, no processo de colonização do Brasil, muitas outras línguas se falavam aqui. Como a língua dos africanos trazidos a esta terra como escravos. Ou ainda dos próprios índios, que cá nestas terras, viviam muito antes da chegada dos desbravadores das Américas. Já popularizavam estas terras com seus costumes, língua e culturas próprias. Assim como a língua do opressor modificou o modo de fala destes, sua língua também foi influenciada pela língua daqueles que os mesmos oprimiam.

Exigir que a norma culta seja o dogma a ser seguido não só pela fala como pela escrita é, assim como pontua Faraco (2008), querer reduzir toda uma possibilidade aceitável de variações a um único gênero.

Faraco (2008), diz ser um gesto reducionista o uso da expressão *norma culta*. *“Primeiro, toma-se a parte pelo todo; segundo, limita-se a prática social da escrita a alguns de seus gêneros.”*

Não obstante, haja nessa discussão, os profetas da destruição linguística, com suas exortações de que próximo e inevitável será o aniquilamento da língua

portuguesa, uma vez que esta, fugindo às doutrinas da bíblia gramatical será conduzida à morte.

A esse respeito, Faraco (2008) escreve:

Não faltam também vozes iradas a proclamar o fim dos tempos: a decadência, a corrupção, a degradação e até a putrefação da língua portuguesa no Brasil motivadas – supostamente – pela incúria, pelo desleixo, pela ignorância de seus falantes.

A fim de proclamar suas exortações aos quatro cantos, tais profetas se valem da utilização de grandes espaços midiáticos. Valendo-se deste modo do grande poder de alcance e persuasão exercidos pela mídia.

Inegável é que a mídia tem em suas mãos uma grande responsabilidade. Tanto na construção de valores e identidades sociais, como na contribuição para a formação individual daquele que compõe uma determinada sociedade. E não nos parece difícil perceber a quem esta senhora da comunicação está a servir.

De acordo com Faraco (2008):

E a mídia, como que possuída por um dever moral de corrigir a suposta incúria, desleixo e ignorância dos falantes brasileiros, encampou com sofreguidão esse discurso categórico: se pôs ao lado dos ‘paladinos da Sra. Dona norma Culta’ (que de fato são ‘paladinos da norma **curta**’, [...], deu-lhes amplo espaço, tem barrado a possibilidade do debate crítico e até criou manuais de redação extremamente conservadores que, paradoxalmente, não são seguidos sequer pelos seus próprios redatores.

É claro que não nos cabe acreditar que a atuação da mídia seja isenta de interesses. Basta nos dar aos fatos de que, servindo a norma culta como ponto de

definição e ideal, e ponto de dominação social e cultural pela classe dominante, e sendo a mídia um instrumento dessa classe, logo esta mídia será canal de transmissão de seus interesses.

Quanto maior forem os abismos culturais, existentes dentro de uma sociedade, onde o que se é produzido pela elite, a quem se diz, dominadora das normas cultas, é reverenciado como sendo de boa qualidade e, num outro extremo, aquilo que se produz para a grande massa, não dominante das mesmas normas, é tido como objeto de desprezo, vai-se perpetuando o campo de lutas sociais.

Sendo a elite, a maior beneficiada com esta perpetuação e, tendo a mesma, como ferramenta a seu ego, à mídia, mais do que isso, mais do que uma ferramenta egoísta na luta social, tendo a mídia como o próprio terreno das lutas sociais, a elite tem em suas mãos o domínio.

2.3 A mídia na sociedade contemporânea

Em *A CULTURA DA MÍDIA*, o norte-americano Douglas Kellner (2001), aprofunda a discussão do papel da mídia como instrumento de dominação. Argumenta que as diversas formas da cultura veiculadas pela mídia procuram induzir os indivíduos a identificar-se com as ideologias, posições e representações sociais dominantes. Mais do que isso, o estudioso americano indica que essa “cultura da mídia” modela as opiniões políticas e os comportamentos sociais, legitimando as relações de poder vigentes e influenciando diretamente a maneira como as pessoas constroem suas identidades.

O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem e impõem os modelos daquilo que significa ser homem, mulher, família, certo ou errado, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles” (KELLNER, 2001, p.9).

O autor salienta ainda, que a cultura da mídia *“é um terreno de disputa, no qual, grupos sociais importantes e ideologias rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia”* (p. 11).

Fica evidente que a questão linguística no Brasil é de ordem política. Manter os abismos existentes entre as variedades de uso do português brasileiro e o ditado pelos canônicos manuais gramaticais, favorecem, contudo uma minoria: a parcela dominante cultural e politicamente.

É notório vermos como a mídia aborda o preconceito linguístico, mistificando o conceito de que existe uma única forma correta de se falar.

Bagno (2004, p. 40) observa que:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...], *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada na gramática e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo, escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Igualmente Marta (2008, p. 42) salienta que “na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo que fosse diferente do que está registrado ou codificado por nossas gramáticas fosse inerentemente errado”.

A mídia, com seu papel fundamental, em nossa sociedade contemporânea, de informar e formar o cidadão, contribuindo deste modo para a formação da própria sociedade, pode e deve atuar no combate aos mais diversos tipos de preconceitos. E temos visto muitas campanhas veiculadas pela mídia, como supostas tentativas de neutralizar muitos desses preconceitos. Mas no que diz respeito ao preconceito linguístico, vemos este ser alimentado a cada dia pelas diversas mídias, seja em matérias de jornais e revistas, impressos ou eletrônicos, seja em novelas, programas de humor entre outros. Assim, a mídia que, nos dias atuais tem teoricamente se empenhado no combate às diversas formas de preconceito, segue alimentado diariamente outro tipo de preconceito: o linguístico.

Citando mais uma vez Bagno (2004, p. 13), confirma-se nossa hipótese:

[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar que é ‘certo’ e o que é ‘errado’, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

O preconceito linguístico, como já dito, constitui-se num preconceito social, e carrega em si o estereótipo do pobre. Mas, além deste, o preconceito linguístico em diversos programas humorísticos é trajado de muitos outros estereótipos como: o homossexual, a prostituta, o caipira, o negro, entre outros. O pior é que estes preconceitos são apresentados como modo de entretenimento e diversão. Classes sociais, etnias, orientações sexuais, raças, culturas, modos de fala são, desrespeitados, inferiorizados, humilhados em programas humorísticos como estratégia de promover o riso. E, o mais chocante, é que programas com estas

características compõem a maioria da grade de humor da TV aberta no Brasil. Sendo esta, a TV aberta, destinada às classes sociais sem prestígio.

Como bases para esta pesquisa, foram analisados alguns personagens humorísticos de programas da TV brasileira, bem como de peça teatral. Dentre os analisados, citamos da “Praça é Nossa”, o personagem Jeca Gay e a personagem Dona Edith, da peça teatral “Terça Insana”.

3. VIVER, APRENDER – POR UMA VIDA MELHOR

3.1 O caso Viver, Aprender – Por uma vida melhor

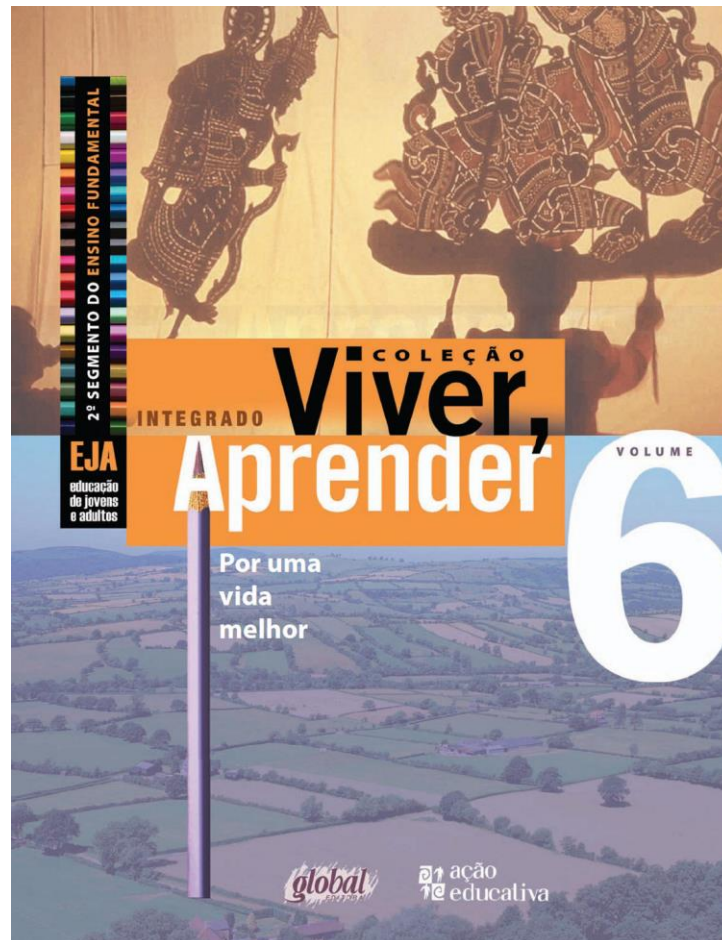


Figura 1 “Viver e aprender – Por uma vida melhor”

Fonte: < <http://gilnei-os.blogspot.com.br/2011/06/por-uma-vida-melhor-nois-tem-de-se.html>>

A polêmica está grafada e com erros gramaticais. Todos os esforços dos gramáticos em manter a ordem padrão do bom e velho português se veem ameaçados pelo novo material aprovado pelo Ministério da Educação.

“Livro distribuído pelo MEC que tolera erros gramaticais como “os livro” e “nós pega” causa estragos no aprendizado de meio milhão de brasileiros e atrapalha o desenvolvimento do País”.

Este era o título de um artigo veiculado no site da revista *ISTO É*, em 20 de maio de 2011.

Tal publicação à época fazia referência ao material didático aprovado para a distribuição nas Escolas Públicas do país, o livro da coleção *VIVER APRENDER, POR UMA VIDA MELHOR*, da editora Global. O material aborda em seu conteúdo concordâncias consideradas erradas pela Gramática Normativa.

As escolas públicas tão acostumadas a ensinar e de modo precário, segundo as regras gramaticais da norma culta, são agora colocadas subitamente a abordar materiais que vão na contramão dos dogmas instaurados até os nossos dias.

Seria o fim de mais uma inquisição, que lança na fogueira santa da gramática e da exclusão, os falantes das ditas variedades do português não padrão que, aliás, compõe o linguajar da maioria dos falantes desta língua de base Lusitana?

O que sempre se ouviu dizer é que pronunciar “nós vamo” é errado, feio, vulgar, enquanto o correto é “nós vamos”. Isto claro, segundo as já mencionadas regras gramaticais que julga ser a única língua brasileira aquela catalogada nos manuais gramaticais, negando todas as variações linguísticas desta mesma língua. No entanto, segundo os linguistas, isto se caracteriza como preconceito linguístico. Bagno (2004), afirma ser preconceito linguístico delimitar a apenas um modo de

fala ou escrita da língua portuguesa o título de soberana. E que, aliás, é justamente aquela que segue a ditadura gramatical.

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo, escola-gramática-dicionário, é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, 'errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente', e não é raro a gente ouvir que 'isso não é português'."

Porém, num outro extremo do iceberg, estão os linguistas, com suas afirmativas de não haver modos corretos ou errados de se falar, constituindo-se, os diversos modos de fala nas variações linguísticas.

As variações linguísticas são decorrentes de diversos fatores, como a região do falante, sua classe social ou nível de escolaridade, sua idade ou de acordo com a sua situação de fala, sendo esta formal ou informal. Um mesmo falante, conforme suas intenções, adapta seu discurso ao receptor, ao contexto, enfim, à situação social, como esclarece Heloisa Cerri Ramos, uma das autoras do livro *POR UMA VIDA MELHOR*.

RAMOS (2011) Há variantes regionais, próprias de cada região do país. Elas são perceptíveis na pronúncia, no vocabulário (fala-se "pernilongo" no Sul e "muriçoca" no Nordeste, por exemplo) e na construção de frases.

Essas variantes também podem ser de origem social. As classes sociais menos escolarizadas usam uma variante da língua diferente da usada pelas classes sociais que têm mais escolarização.

A questão não é ensinar errado; trata-se, sim, do fato de que o errado foi feito até o presente momento, uma vez que, sendo toda forma de preconceito uma forma de exclusão, com o preconceito linguístico não é diferente. Ou seja, ao excluir

determinados modos de fala, exclui-se também aquele que a fala, lançando-o às margens da sociedade.

Curioso é o fato de que esta mesma sociedade variacionista, tão moldada ao discurso da senhora gramática e seus defensores, os gramáticos, tem sofrido as injustiças do não acesso à educação pública de qualidade. Seus indivíduos, subjugados a precariedade da assistência educacional do Estado que toma por modelo de julgamento e juízo as leis gramaticais se veem privados de acesso à cultura.

Negam-lhes o direito à boa educação, assim os prendem nas algemas da gramática e tiram-lhes o seu maior bem: A língua.

Bagno (2004) chama a atenção para a existência de milhões de “*brasileiros sem língua*”. Reforçando que, embora falem uma variedade do português, não têm a sua língua reconhecida como válida.

É preciso mostrar aos falantes do português brasileiro que, embora a escrita seja regida por uma gramática normativa, a fala, diferentemente da escrita, é algo vivo, e que, por este motivo, está em constante formação e transformação. Isso se deve àqueles que a utilizam, sejam estes falantes da norma padrão ou das diversas variações que constituem a língua portuguesa do Brasil e que, diferentemente, como afirma o título da reportagem citada, dominar as variantes de uma mesma língua, não causa estragos à educação, ao contrário. Segundo publicação de Clara Becker (2011) à *REVISTA PIAUÍ*, sobre o uso destas variantes, diz Evanildo Bechara que o aluno deve ser poliglota na sua própria língua.

Discutir as variações linguísticas não é investir na exclusão da norma culta ou das regras gramaticais, como afirmam os servidores da senhora gramática. É antes uma busca pelo real conhecimento das diversas formas de utilização de uma língua e que estas utilizações estão condicionadas a fatores culturais, sociais e políticos. É antes contribuir no combate à exclusão dos falantes que, subjugados

pelas leis inquisitórias de uma “norma” ao qual não têm acesso, são condenados, postos às margens da sociedade, justamente por questões da língua, ironicamente apontada pela própria reportagem como sendo um instrumento de “unificação - e não de segregação”.

4. TRANSCRIÇÕES E ANÁLISES DE ALGUNS PERSONAGENS DA CENA HUMORÍSTICA BRASILEIRA

4.1. Dona Edith, do humorístico Terça Insana



Figura 2 “Dona Edith”

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=zQQOzVF_zjs>

Boa noti, meu nome é Edith Maria Manuelina Tarabetina Capitulina de Jesus Amor Divino. Eu sô líder comunitária, eu tô aqui não pa falar eu vô se curti e grossa, pá lançá meu livru qui chama, “Como educá seu filho na favela”.

Você qui num tem os pobrema qui eu tenho, não tem os pobrema qui eu passu, não podi senti como é educar um filho... na favela. Mas essi livo, qui é facícuo di lê porque é escrito em facícus, vai ajudá você a compriender, não é meu drama, porque eu não to aqui dramano nada, mas as condição qui genti vivi.

Bom, primeramente eu gostaria di dizê qui eu escrevi essi livo, na verdadi eu não escrevi não, quem escreveu foi minha fia, porque eu sou semi-anafabeta. Mas eu ditei tudo i ela escreveu aqui, ta tudo iscrito.

Qué dizê, o qué que tem aqui? Insimentu, não meu nem seu nem di ninguém, as, insinamento du mundu.

Poque genti, a pessoa hoji, ela vivi certa dificusidadí, que não é pa todo mundo não.

É, ou não é ou não é? É! Intão, aqui, eu trato di tema i coisa, qué muito difícil por exempu que é o probrema da nutrição. As criança em casa si fizé vontadi, uma fera, uma cumida elas comi tudu num dia.

Eu tenho uma minina lá chamada nininha que a desgraçada é viciada em cremicraqui, e agora num sei, veno muitia televisão a disgraçada ta querenu cume cum margarina.

Eu já expriquei a ela, disse: “Minha filha..., veja a situação da sua mãe e du seu pai, ganhanu um salário mínium, nessa recessão du diabu, pá botá cumida dendi casa, pa você chega destruir tudo é se exu”.

Qué dizê, eu não posso..., eu não posso impidi meus fio di cume, má também num quero qui coma tudu, pá quando chegá em casa, até eu, eu num tê o qui cume.

Portanto genti, aqui, vocês vão incrontá, dica, qui é, iscondê uma cumida, botá num lugá mais altu, qué dizê, são coisa cá gente vai fazê pá pude instrui. Otu pobrema, cá genti tem aqui muito séria, que eu trato nesse livo, nu facícuo, qui é a paralisia.

Eu vô perguntá aqui, i vocêis vão respondê.

Qual é a dona di casa qui nunca si sintiu uma alejada, qui nunca si sintiu uma, uma leprosa, uma paralítica quando chega nu supermercadu? Qui num tem força pa pega aquele poduto mais caro? Qui num consegui levanta a mão pa compa um papel higienio melho? Purque não dá.

Você vai compra um creme dental nu preço qui tá. Qué dizê, as pessoa acha qué só cume..., não é! Não é! I a higieni? Ondi é? Purque diz qui pobri é sujo, fidido i u diabo. Mais quem é qui podi compra um creme dental hoje nu preço qui tá?

A desgraçada da nininha, a bicha, ela é uma, a minina ô genti eu vô dizê. É muiti isforço pa genti cria um, um fio. A minina agora cismo di cume pasta di denti, eu vô fazê uquê? Eu vô matá? Não. Não genti, eu vô inducá eu vô iscrarecê, qui até si eu crebassi u denti era melhó pelomenu pasta di denti eu já cunumizava.

Intão ceis vão incrontá aqui, não lição puque quem dá lição mesmu é Deus, mais dica, coisinha, qui você podi fazê im casa, dê-lhe um pão, um pãozinhu qui você iscondi, qui já é um café du dia siguinti. Num é ou num é ou num é? Um açúcar, uma açúcar qi você dexa di bota num chá, né? Uma farinha qui voçê bota a mais pa pudê ingrossá u feijão.

Qué dizê, a genti... issu é um..., é uma coisa difícil qui eu vô fala agora... Quantas veiz, a genti ta ali..., num tem vontadi..., desejo, di cume um chantilly?

Má cumé qui a genti vai cumê um chantilly nu preçu du morangu comu ta? Seja di Atibaia, seja di calqué lugá, é purissu queu cramu, é purissu queu gritu é purissu queu digu, “A genti... é pobri, a genti é lascadu, más lá nu morru a genti não dexa...”

Música: Não deixa o barraco cair, não deixa a família tombar, não deixa o marido beber, nem o filhinho fumar.

Não deixa o barraco cair..., não deixa a família tombar...

No quadro dona Edith, a personagem é apresentada na figura de uma mulher que, para se comunicar, utiliza-se de uma linguagem não regida pela gramática normativa. Por isso, a própria pessoa fica desprestigiada e inferiorizada. Ironicamente, a personagem tem uma característica que é peculiar à maior parte dos falantes do português brasileiro, que não utilizam a norma culta para se comunicar.

A fala de tal personagem é carregada de “erros” gramaticais, como a falta de concordâncias (plurais) em palavras como “as condição”, “as pessoa”, “são coisa”. Ainda é notória a troca da letra “l” pelo “r” em palavras como, “expriquei”, “escrarecê”, “cramo”, bem como a omissão da letra “r” em algumas palavras como, por exemplo, “livu”, “pa falá”, “compa”, “puquê”, entre outras.

Tal personagem, além de ser caracterizada como péssima usuária do português, carrega outros estereótipos, como o de ser pobre, negra, favelada, mãe de ladrão, o que acaba acarretando uma tipificação do sujeito que desconhece a gramática, na concepção dos que não consideram as conquistas da sociolinguística.

Além disso, tal ação para com a linguagem menos privilegiada acaba por reforçar outros tipos de preconceitos, como por exemplo: A negra, moradora de favela, líder comunitária e semi-analfabeta, deixando assim evidente, por trás de uma “simples personagem” de uma peça teatral, que teria por objetivo o entretenimento e o humor, a sustentação de vários tipos de outros preconceitos.

É ainda explorado na caracterização da personagem, o retrato do pobre no Supermercado, ao consumir sempre os produtos mais baratos, que é o que sua renda permite consumir, comparando-os por este fato, a leprosos e paralíticos. Deste modo, chega a equiparar tal classe social a doentes e portadores de deficiência, numa visão completamente pejorativa do negro, do sexo feminino, pobre e ignorante.

A personagem vale-se, ainda, de formas de tratamentos depreciativos para com os filhos, tratando uma das filhas por “desgraçada e exu”, rotulando de mal educador o pobre que é morador de favela. Cria-se, assim, um paradoxo, visto que tal personagem se apresenta justamente lançando um livro intitulado “Como educar seu filho na favela”.

4.2 Jeca Gay, do humorístico A Praça é Nossa



Figura 3 “Jeca Gay”

Fonte: < <http://www.sbt.com.br/noticias/?c=5699>>

Música:

“I é verdadi é sim sinhô, quem mi conto foi um pescador,

I é verdadi, é sim senhor, quem mi contou uouououo foi um pescador!”

- Ohhh, mi dá um abraçu, amigu véiu!

- *Ai ai a, di vargazim.*
- *Qui foi?*
- *De vargazim.*
- *O que aconteceu?*
- *De vargazim.*
- *Qui qui houve?*
- *Ôooo, cê sabi qui dá um trabai.*
- *A genti, a genti num tá siguru lugar ninhum.*
- *Mai nem,*
- *Ninhum, lugar ninhum.*
- *Mai nem, mai nem im casa, nem na praça, nem na rua, nem na igreja!*
- *É nu meu casu, eu num tavu num casamentu finu, chiqui, di primera,*
- *Hã*
- *nu, nu, na igreja, pois num saiu uma briga im riba du altar cumeu balapa tudu ladu.*
- *Mintira!*
- *Éeee...*
- *Mais era assim um casamentu ricu lá di Goiânia?*
- *Acha! Aqui!*
- *Aqui em São Paulo?*

- *Aqui!*

- *Vô conta pro cê. Fui num casamentu amigu meu muito batuta, ele é oitavu suplente vereador lá em Capão Redondu,*

- *Hã,*

- *i ele tava casanu cuma subrinha dele de catorze anu.*

- *Cá subrinha...*

- *Subrinha é, nu, a nissu,*

- *cê acredita qui na hora du casamentu dois convidadu incapuzadu..., eles arrumaram uma briga ali nu altar du trem ali, cê num imagina...*

- *Mais péra ai, péra ai, oitavu suplente di... vereador di capão Bonitu,*

- *Capão Redondu.*

- *Capão Redondu, pera, pera, era u Malão!*

- *Éeee...!*

- *I você não me convida pra uma festa dessa...*

- *Eu num alembrei.*

- *Cê sabe qui eu gostu di mulheres glamurosas, mulheres bonitas.*

- *Pois é, tava tudu lá!*

- *Agora, quem são esse convidados que tavam encapuzados?*

- *Não, todumundu!*

- *Todus?*

- *Tudu tava di capuiz.*

- *Mas por quê?*

- *Só tinha dois diferenti, era eu i u padri.*

- *Daí eu inda falo pro cê, o padri inda tava caquela mascarinha daquela du zorru. Tava bunitim.*

- *Hã...*

- *Genti fina em, i saiu um tiroteiu lá na, dentru da igreja? Caiu todumundu, deitou nu chão,*

- *Claru!*

- *Bala cumendu, usu, usunicu qui, qui ficaram im pé era eu i u padri.*

- *Ainda oiei pra ele tremendu, falei: " Oh padri, prossegui a cirimônia pa vê si acarma as orveia", né...*

- *I u padre?*

- *Ai u padri apagou u charutu, qui eli tava fumanu na hora né, ele pagou, (risos)*

- *U padri pa pagou u charutu, cumeço u sermão,*

- *Hã*

- *Ai é qui eu notei qui eu tavu tingidu.*

- *Tava o quê?*

- *Tingidu di sangui.*

- *Atingidu.*

- É, é.

- A bala ti pegou?

- A bala mi pegou.

- A meu Deus du céu! I ai rapaz?

- Ai u homi u curvidadu lá incapusadu qui tinha dadu u tiru, chegou pra mim, cumeçou mi isaminá, mi aparpá. Ai eu falei u ce carma u ce carma, é só uma bala perdida, dexa issu pra lá né.

- Ai meu Deus du céu!

- Eli falo assim, cê trata di achar essa bala si não eu vô ti mostra u qui é uma faca perdida.

- Meu Deus!

- Qui gelada qui você entrou cara!

- É, é, ai eu dismaiei.

- Claru! Lógicu!

- Dismaiei, eu ... dismaiei.

- Quando eu acordei, já tava u curativu.

- Ué... ondi é qui ta u curativu qui eu num to venu?

- Ah, própria palavra já ta falanu ué!

- Si fossi nu pé era perativu... (risos)

- I quem qui ti levou ao médicu cara?

- Quem mi levou nu médicu foi u... pai da noiva, nu casu, u irmão du noivu.

- *Qui loucura...*
- *I comu é qui eli tava, coitadu, divia ta nervosu!*
- *Não, normal.*
- *U bafu deli qui tava muito nervosu!*
- *Tantu qui eu cabei dismaianu di novu, só fui acorda lá nu bundatóriu.*
- *Ai, bundatóriu..., ambulatóriu!*
- *Não, bundatóriu devido u local ondi tingiu a bala.*
- *Há.*
- *Bulatóriu elis tiveram qui pega nas bola, (risos)*
- *Ai, fiquei vermeiu. Deu lá um tratu, uns dois treis pontu né,*
- *Hã, falo, oi num da tempu nem di lava. Ce vai pra casa, si tivé fartanu argum pedaçu ce vorta!*
- *Hã, ...perdeu algum pedaçu?*
- *...não, qui faiz farta assim não! Agora só mijá sentadu, (risos)*
- *Eu juru eu não sei comu é qui você consegui conservar essi bom humor cara!*
- *O ce sabi lá un Buriçu, eu, eu façu serenata,*
- *É mesmu?*
- *Tocu viola, decramu,*
- *Pintu*
- *Ai dagora pra frenti já num garanru muito não, (risos)*

- *Mais você declama mesmu é?*

- *Si eu decramu?*

- *É...*

- *Ixí, é diária! Eu fui num concursu decramação lá em Brasília, agora, só us decramado impotanti mesmu né.*

- *Hã.*

- *Ganhei delis tudu!*

- *Não mi diga, parabéns!*

- *Tirei segundu lugar, i si aquela tar di Tiririca num tivessi nu concursu eu era u premeru!*
(risos)

Música:

"I é verdadi é sim sinho, quem mi conto foi um pescador,

I é verdadi, é sim sinhor, quem mi contou uouououo foi um pescador!"

No quadro do personagem Jeca Gay, do programa "A Praça é Nossa", do SBT, tal personagem, é figurado sob o estereótipo do caipira, com seu linguajar típico, retratado como mal falante do português padrão. Este último, tido como única forma correta de falar o português.

Estereotipado sob tal figura, o personagem apresenta um modo de falar carregado por construções que a gramática normativa não reconhece como válidas, como por exemplos: "vargazim", "trabai", "casu", "eu num tavu", "em riba do altar", "vô conta pro cê", entre outras, além de fazer uso do "r" arrastado, típico dos moradores das regiões afastadas das grandes capitais.

Ao usar esta forma de linguagem, retratando o linguajar do “caipira”, a fim de provocar o riso, notamos neste personagem, a exploração do preconceito linguístico. Porém, a exploração do preconceito por parte do personagem, não se dá somente no campo linguístico, mas também no campo social. Fica evidente a exploração do preconceito a uma classe social menos favorecida que, compõe as classes sociais desprestigiadas, tendo por este motivo, desprestigiado também o seu código linguístico.

No entanto, ao promover o preconceito linguístico e o preconceito social em relação ao caipira, o personagem, alimenta outro tipo de preconceito. O preconceito sexual. Não bastando o rótulo de mal falante da língua portuguesa e do pobre, o mesmo é rotulado de homossexual, e isso tudo, como mecanismos para promover o riso. Desse modo, ridicularizando as classes marginalizadas, os falantes das variedades do português não-padrão e os homossexuais.

Além da vestimenta, pela qual se caracteriza tal personagem como o caipira pobre e homossexual, o mesmo traça uma camisa branca, com um nó na altura do umbigo, uma calça presa por uma corda no lugar do cinto, trazendo sobre os ombros uma enxada, símbolo dos moradores das zonas rurais, que se dedicam a carpir, sendo esta, decorada com um buquê de flores.

O texto também se vale de palavreados de baixo nível, como por exemplo, a associação pejorativa da palavra curativo, feita pelo personagem, quando este se relata ter sido alvejado por uma bala perdida, revelando que como medida de tratamento fora feito no lugar atingido um curativo, no entanto, curativo em razão do local alvejado, enquanto que se tal local fosse no pé, seria “perativo”.

Revela ainda, o personagem, que, após ser atingido, o mesmo fora levado ao “bundatório” e não ambulatório, sendo ainda esta associação decorrente do local alvejado. Pode ser ainda interpretada a expressão “bundatório” relacionada ao homossexualismo apresentado pelo personagem.

Todos estes traços pejorativos compõem um personagem humorístico de um dos programas de humor da TV aberta do Brasil, que se vale assim do preconceito lingüístico, social e sexual, como mecanismo da promoção humorística.

5. SIMILARIDADE NOS DISCURSOS? OU SÃO OS MESMOS DISCURSOS DE SEMPRE?

5.1 Rotacismo

Ficam evidentes as semelhanças nos dois textos quanto à exploração de certas variações linguísticas com ocorrências mais frequentes entre os usuários do português não padrão. Variações do tipo, “*pobrema, expriquei*”, ocorrentes na fala da personagem Dona Edith, de *Terça Insana*, onde o R é pronunciado no lugar do L, retrata uma ocorrência, como afirma (*Bagno, 2006*), comum nas mais diversas regiões do país. Ocorrência essa que contrária às acusações de que isto se configura num erro do uso do português, nada mais é do que um fenômeno da língua, denominado rotacismo.

Quanto à utilização destas variações pelos falantes do português não padrão, cujos representam uma classe social menos favorecida, financeira e intelectualmente, Silva ressalta:

Há que se ressaltar a oralidade destes sujeitos, componente extremamente importante do estigma: sotaque que revela procedência de regiões pobres do país; gírias (relacionadas também à relação com policiais); vocabulário pobre; pouca ou nenhuma observância das normas cultas da sintaxe e da

morfologia da Língua Portuguesa, pronúncia de palavras fora da norma padrão, exemplo: crasse, bicicleta, galfo, pitibur, cuié, muié, óme, malmita, fio, profesô etc

Por sua vez, Bagno observa, “... Mas dizer pranta no lugar de planta não é um erro: é um fenômeno chamado rotacismo, que acontece nas mais diversas regiões do país e que participou da formação da língua portuguesa padrão ao longo dos séculos”.

Torna-se motivo de espanto saber que este mesmo rotacismo, tão discriminado pelo alto clero gramatical, esteve presente na formação da própria língua portuguesa. Originária do Latim vulgar, o português em algumas palavras não conservou o L, colocando em seu lugar o R e esse rotacismo deu origem às muitas palavras que hoje pertencem ao português padrão.

Assim Silva aborda tal questão:

O fenômeno linguístico conhecido na literatura especializada como ROTACISMO, presente na fala de muitos de nossos sujeitos ao pronunciarem problema, bicicleta... acontece também na história da língua. Observemos o quadro abaixo:

Português padrão	Etimologia	Origem
Branco	blank	Germânico
Brando	blandu	latim
Cravo	clavu	latim
Fraco	flaccu	latim
Obrigar	obligare	latim
Prega	plica	latim

Como pode ser observado no quadro acima, a palavra “branco” na sua origem se escreve “blank”, assim como “cravo” “clavu”. Fica claro como a presença do

rotacismo foi fundamental para a formação de algumas palavras como a temos hoje na língua portuguesa. Palavras essas que compõe o vocabulário do português padrão, ensinado pelos manuais gramaticais e por estes mesmos exigido.

Ainda sobre o rotacismo, Bagno demonstra como esse fenômeno estava presente no português também de Portugal, inclusive, sendo utilizado por Camões, considerado como o maior poeta da língua portuguesa.

Assim observa Bagno (2006, p. 45):

Leiam agora esses versos d'Os Lusíadas que estão mais abaixo do quadro. Lembrem-se que Os Lusíadas foram escritos por aquele que é considerado o maior poeta da língua portuguesa, Luís de Camões, tido até como o verdadeiro "inventor" da nossa língua literária...

Quadro 3

"E não de agreste avena, ou fruta ruda" (canto I, verso 5)

"Doenças, frechas, e trovões ardentes" (X, 46)

"Era este Ingrês potente, e militara" (VI, 47)

"Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta" (X, 136)

"Pruma no gorro, um pouco declinada" (II, 98)

"Onde o profeta jaz, que a lei pubrica" (VII, 34)

Esse fenômeno é corrente na língua portuguesa, porque há nesta certa tendência, como afirma Bagno, natural em transformar R em L dos encontros consonantais.

Bagno (2006, p. 46) explica:

[...] Existe na língua portuguesa uma tendência natural em transformar em R o L dos encontros consonantais, e este fenômeno tem até um nome complicado: rotacismo. Quem diz broco em lugar de bloco não é "burro", não fala "errado" nem é

“engraçado”, mas está apenas acompanhando a natural inclinação rotacizante da língua.

5.2. Plural redundante

Na fala do segundo quadro analisado, além da presença do rotacismo muito frequente, como na palavra “decramação” entre outras, pode-se observar ainda certas expressões carregadas com o R arrastado, comum na fala denominada “fala caipira”. Notório ainda neste diálogo é a utilização de forma ridicularizada da marcação de plural diferente das ensinadas e cobradas no uso da língua padrão. Na peça, isto pode ser observado, por exemplo, na expressão “*acarma as oveia*”.

Há na língua portuguesa padrão a exigência de que a construção de uma frase deve ser regida sob a ótica de uma concordância. A respeito dessa concordância, Bechara (2010, p. 416), deste modo a define: “Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”.

O gramático define ainda dois modelos de concordâncias, podendo ser nominal ou verbal. Quanto a estas o mesmo exemplifica.

Diz-se ***concordância nominal*** a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem. Bechara,

“O capitão rosou *alguma* cousa, deu dous passos, meteu a mão *no* bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois à luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre a liberdade da vida *marítima*”. [MA]

Diz-se ***concordância verbal*** a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e, às vezes, o *predicativo*) e o verbo da oração:

“Os *outros* não sabendo o que era, *falavam, olhavam, gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava* cair as pálpebras.” [MA] (2010, p. 416)

Na língua portuguesa padrão, cobra-se que para indicar a presença de plural na frase, esta contenha o que se chama de “marcas de plural”. Bagno (2004, p. 50) exemplifica a esse respeito: “Na nossa norma-padrão de português, para indicar que estamos falando de mais de uma coisa, acrescentamos “marcas de plural” em muitas palavras da frase.

Bagno (2005, p. 51) demonstra o uso destas “marcas de plural” da seguinte forma:

“• Quero te dar a linda flor amarela que brotou no meu jardim.

• Quero te dar as lindas flores amarelas que brotaram no meu jardim”.

Após tal demonstração, o autor faz a seguinte observação Bagno (2006, p. 51):

Para informar que se trata de mais de uma flor, o PP² precisa de cinco marcas de plural, que modificam várias classes de palavras: artigo, substantivo, adjetivo, verbo... É o que a gente aprende e ensina na escola com o nome de concordância de número. Essa quantidade de marcas de plural é, do ponto de vista lógico, uma redundância desnecessária.

Após tal demonstração, o autor enfatiza:

² PP: português-padrão

O português não-padrão é bem diferente disso — [...]. — Ele é mais sóbrio, mais econômico, mais modesto, menos ‘ vaidoso’. Sua regra de plural é a seguinte: ‘ marcar uma só palavra para indicar um número de coisas maior que um’.

Esta forma de marcação, indicando numa só palavra a presença de plural, pode ainda ser observada em outras línguas, como por exemplo na língua inglesa. A fim de comprovar tal afirmação, Marcos Bagno apresenta o seguinte exemplo:

- My beautiful yellow flower died yesterday. (“Minha bela flor amarela morreu ontem”)
 - My beautiful yellow flowers died yesterday. (“Minhas belas flores amarelas morreram ontem”)
- Observe, [...], que, na segunda frase, a única informação que temos de que se trata de muitas flores é dada pelo -s do plural de flowers. Todo o resto da frase permanece inalterado. Repare que, na tradução, o PP exige nada menos do que cinco marcas indicadoras de plural.

Embora ridicularizada frente às exigências do português padrão, esta marcação de plural do português não padrão é eficiente porque comunica a presença de plural na frase, sendo a mesma como fora comprovado à forma de marcação de plural utilizada pela própria língua padrão inglesa. Diga-se de passagem, uma das línguas mais faladas no mundo e a principal língua utilizada na publicação científica.

Outra variante explorada na fala do personagem em questão é o uso comum do “i” no lugar “lh”, o que também pode ser verificado nas palavras, “*trabai*”, “*vermeiu*” e mesmo na expressão “*acarma as oveia*”. Este uso é comum na fala dos usuários do português não padrão e é também objeto dos mesmos preconceitos que seguem as variantes aqui já apresentadas. O que muitos desconhecem, no entanto, é que esta mesma variação ocorre também em línguas estrangeiras como, por exemplo, na língua espanhola.

A fim de explicar esta ocorrência, comparando o português não padrão com o espanhol, Bagno (2006, p. 56) ressalta:

No espanhol padrão, que é aquele falado na região de Castela (daí o nome “castelhano”), tudo o que se escreve LL é pronunciado “lhê”, equivalente ao LH do português-padrão. No entanto, dentro da própria Espanha, nas demais regiões do país, este grupo LL é pronunciado “i”, e os espanhóis falantes do “castelhano” padrão têm até um nome para esta pronúncia diferente que eles, é claro, consideram um “defeito”.

[...]

— É “yeísmo” — [...] — O “yeísmo” acontece também no espanhol falado na América Central, nas ilhas do Caribe e em diversos países da América do Sul. Por causa do “yeísmo”, aquilo que se escreve caballo, “cavalo”, com LL, e que os castelhanos pronunciam “cabalho”, nas outras variedades se pronuncia “cabaio”... Como se pode ver, este “problema” não é só dos falantes do português não-padrão.

Ainda no mesmo capítulo, Bagno observa que tal ocorrência pode ser verificada também na língua francesa. Assim Bagno (2006, p. 56) observa:

— No francês, até início do século passado — [...] —, o LL do grupo que é escrito -ILL se pronunciava como o LH do português padrão, e os gramáticos, apavorados com o desaparecimento desta consoante, substituída pela semivogal “i”, fizeram todos os esforços possíveis para salvá-la da extinção. Mas de nada adiantou a campanha deles... E hoje, se compararmos algumas palavras do português-padrão, do francês-padrão e do português não-padrão, vamos ver que essas duas últimas variedades têm pronúncias bem próximas.

Segundo o estudioso, essa ocorrência comum na fala de muitos usuários do português não padrão, não se dá por motivos de inferioridades metálicas ou algo do gênero, mas sim pelo motivo da não existência da construção consonantal LH em sua variante. Bagno (2006, p. 56)

— Não é que os falantes do PNP sejam “preguiçosos” ou, como dizem alguns gramáticos de visão estreita, “mentalmente inferiores”. Nada disso. Simplesmente, na variedade de português que eles falam não existe este som consonantal.

6. MENOS PLURAL. MAIS ARTE

Embora estas duas peças analisadas se valiam da representação de ocorrências de variações linguísticas, extremamente ligadas a estereótipos negativos e depreciativos de grande parte dos falantes da língua portuguesa, assim como às suas classes sociais, com o intuito de provocar o riso sob alegação de promoção da arte e da cultura, na sua contramão, manifestações artísticas e culturais são de fato representadas por estas mesmas variações. Longe da depreciação e da zombaria, mostrando os reais valores culturais caipiras e sertanejos, cujos estigmatizados pela alta sociedade do português padrão, traz na sua essência a formação popular brasileira.

Deste modo, tomemos como exemplo desta verdadeira manifestação artística, cultural e popular caipira, a música Cuitelinho.

CUITELINHO

Cheguei na bera do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia vorta
E senta na bera da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia ai
Ai quando eu vim de minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso

Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes bataia ai
A tua saudade corta
Como o aço de navaia
O coração fica afrito
Bate uma, a otra faia
E os oio se enche d'água
Que até a vista se atrapaia ai.

A canção popular *cuitelinho*, apesar de trazer em suas composições escrita e cantada, construções que não se aplicam ao português padrão, no entanto, assim como este, é composta de regras. O fato de ser popular e não se adequar a norma culta da língua brasileira, não elimina da canção, regras inerentes a sua construção variacionista.

Sobre estas regras defende Bagno (2006, p. 52):

A regra, como vocês podem ver, tem uma hierarquia rígida: a marca indicadora de plural é usada apenas no artigo definido. Quando não há artigo, ela vai para a primeira palavra do grupo a ser pluralizado, que pode ser um substantivo (como em “terras paraguaia”) ou um adjetivo (“fortes bataia”). Na verdade, a marca de número funciona como um “sinal”, um “aviso” de que aquele grupo de palavras está no plural: por isso ela é sempre usada na primeira palavra do grupo.

A música *Cuitelinho* é um exemplo de como a arte, o folclore e a cultura na sua essência, independem de uma regra absolutista. Declame o poeta o seu poema, e aquele que tiver bagagem o compreenderá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até que ponto, as mídias nacionais querem de fato com suas campanhas de cunho social, trabalhar a conscientização, combate e mesmo neutralização dos diversos tipos de preconceitos existentes nesta sociedade?

Se por um lado, campanhas de conscientização contra os mais diversos tipos de preconceitos são veiculadas pelas mídias nacionais, seja em relação ao preconceito racial, social, sexual, religioso, étnico, preconceitos em relação a portadores de necessidades especiais entre outros; por outro lado, em programas humorísticos, a própria mídia se vale da utilização dos mesmos tipos de preconceitos como forma de fazer humor, para alcançar seu objetivo de fixar-se perante seu público. É o que fica evidente ao analisarmos estes programas.

Verifica-se que os personagens citados, não bastassem a rotulação de mal falantes do português, são ainda caracterizados como: pobres, homossexuais, negros, mulheres, prostitutas, caipira etc.

São estes estereótipos que configuram tais personagens de aparência inofensiva, mas que refletem e deste modo acabam por contribuir para a propagação de tais preconceitos. Isso nos faz questionar a verdadeira intenção dos veículos de comunicação ao promoverem campanhas de caráter conscientizadoras.

Seriam antes estas campanhas, estratégias que visam exclusivamente à autopromoção?

Verifica-se, ainda, outro fato curioso. Tais programas são destinados à grande massa, composta pelas classes sociais desprestigiadas. As mesmas classes sociais figuradas em tais personagens.

A partir deste fato fica evidente a necessidade de uma profunda mudança cultural nesta sociedade brasileira. A grande massa, representada de forma pejorativa

nestes programas, é levada a rir de sua própria existência, depondo contra si própria, assumindo rotulações que lhe são impostas, qualificando-se como ignorante, inferior, e servindo, para as classes de prestígio e para si mesma, de motivo de escárnio.

REFERÊNCIAS

A PRAÇA É NOSSA. **Jeca Gay**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1ZBgo5mJzL0>> . Acesso em 24 Jun. 2011.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é como se faz**. 35 ed.. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, E. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. 2º ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S/A, 2010

BECKER, C. **Senhor norma culta**. *Revista Piauí*. 57 ed. Jun. 2011. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-57/questoes-vernaculas/senhor-norma-culta>>. Acesso em 13 ago.2013

BRAGA, A. **O preconceito lingüístico na mídia**. Disponível em <http://www.portuguesdobrasil.net>, Acesso em 02.12.10.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

FIORIN, J.L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FIORIN, J.L. SAVIOLI, F.P. **Para entender o texto: leitura e redação**. 7 ed.. São Paulo: Ática, 2000.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

MARTA, Maria P. S. **Variação Linguística, Mídia e Preconceito**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2 ed.. São Paulo: Cortez, 2002.

SANDMANN, A.J. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, J.L; **O que é Cultura**. 16 ed.. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SILVA, N. **A construção do estigma em migrantes lusófonos no século XXI. Viseu**. fev. 2006. Disponível em <<http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/418>>. Acesso 16 out. 2013

SMOSINSKI, S. **Baixa qualidade do ensino e má formação de docentes atrapalham educação**. Uol Educação. Jul. 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/07/30/baixa-qualidade-do-ensino-e-ma-formacao-de-docentes-atrapalham-educacao.htm>>. Acesso em 13 ago. 2013

TERÇA INSANA. **Dona Edith**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=zQQOzVF_zjs>. Acesso em 10 Abr. 2011.

UNIVESPTV. **Norma culta e variedade linguística**. Disponível em: <<http://univesptv.cmais.com.br/pedagogia-unesp-norma-culta-e-variedade-linguistica-3>>. Acesso em: 13 ago. 2013.